



TRANSCRIÇÃO ANTONIO LANCETTI

[00:00] Créditos

[ANTONIO LANCETTI]: Eu fui militante de uma cisão do Partido Comunista Argentino, o Partido Comunista Revolucionário, depois da Vanguardia Comunista, que era um partido maoísta, de onde eu fui expulso por um "lúmpen-teoricista". E me liguei nos últimos tempos ao PRT [Partido Revolucionario de los Trabajadores], cujo braço armado era o Ejército Revolucionario del Pueblo.

Tive muita sorte e muita solidariedade e valentia de alguns companheiros naquela época, porque eu estava entrando no partido e eu não pude ir a um encontro, por outros problemas, de segurança. E o companheiro caiu e ele sabia onde eu morava e nunca abriu a boca e, bom... Tiveram outros casos de companheiros desaparecidos.

Teve um, por exemplo, que morou comigo, em casa era o que chamávamos de "buson", ou seja, tinha armas, e tinha uma biblioteca, enfim... E ele se aguentou na tortura, e ele tava morando comigo, enfim...

Tiveram vários casos assim, em que cada vez se tornava mais difícil a situação e essa foi uma das razões da minha vinda ao Brasil.

Eu também tive um grande amor naquela época, conheci numa viagem para o Brasil, que foi Márcia Carvalho, que já faleceu.

Mas, naquela época, eu fiz muitos esforços para me tornar analista, porque eu trabalhava num hospital municipal, no serviço de psicopatologia, eu trabalhava com crianças, pagava supervisão, pagava quatro sessões de análise por semana. E tudo isso trabalhando em outras coisas, vendendo anúncios de revistas, enfim... E já era pai de família, naquela época - pai de família separado. Mas essa foi uma das razões que me trouxeram para o Brasil.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Talvez a minha última sessão de análise com o meu analista Daniel Jorge Jinkis que é tido como um dos sujeitos mais inteligentes dos lacanianos da velha guarda, do primeiro grupo, então na última sessão de análise ele falou que eu tava indo... – quando eu comuniquei que estava viajando e que era a última sessão de análise – e ele falou: "Não, você tá indo embora da sua mãe". E foi isso que ele me interpretou.

E foi assim como eu acabei chegando aqui, escapando da polícia, do serviço de inteligência e da minha própria mãe.

E, enfim, cheguei aqui no Brasil em 1979.

Foi um período fantástico, porque não tinha o que fazer, eu tinha feito umas... Minhas primeiras... Já tinha feito também na Argentina minhas primeiras investidas editoriais, né? E com um velho camarada, um grande amigo, Aurélio Navarra, nós fizemos vários livros piratas.

E pirateamos um livro de Otto Fenichel, sobre a clínica, sobre psicopatologia – princípios de psicopatologia, que eu escrevi o prólogo, nunca vou esquecer.

E também pirateamos as obras completas de Freud.

[05:00] E pirateamos o dicionário de Laplanche e Pontalis. Isso foi o fim, porque nos denunciaram e nosso companheiro, nosso camarada, que era o militante do ERP mais comprometido que eu, um grande companheiro, ajudou muito todos os filhos e mães de desaparecidos, enfim. Ele é um militante que é hoje talvez um dos principais líderes de Carta Abierta. Chegou a polícia na Faculdade de Psicologia e ele escapou pelos fundos, aquilo foi fantástico porque ele escapou de um processo comum e com isso se salvou de ir preso por razões muito mais graves.

E, nesse período, nós moramos juntos durante meses, muita gente morou em casa escondido, naqueles anos, que nós tínhamos uma vida muita intensa durante aquele período, porque você convivia só com aquele grupo.

Chegando ao Brasil eu já conhecia, já tinha vários companheiros que também eram trotskistas como eu: Ari Fernandes, arquiteto.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Bom, começou outra vida, né? Eu não tinha nada o que fazer, então tinha tempo pra estudar.

A gente alugou uma casa na Rua Luís Murat, que era em frente ao Cemitério [São Paulo], mas eu não consegui ficar, porque a única coisa que eu conseguia estudar era pulsão de morte olhando para aquelas tumbas, até que saímos de lá.

Eu tentei voltar pra Argentina, mas não consegui. E então me estabeleci aqui.

Comecei a viver aqui, e começou a haver muitas mudanças, né? Porque para os psicanalistas argentinos, tinha um paradoxo muito interessante, porque:

Para os psicanalistas argentinos as instituições públicas eram muito importantes, eram campo de formação. Você pra trabalhar num hospital público era um prestígio enorme. Quem não trabalhava tinha menos prestígio do que quem trabalhasse, então muita gente trabalhava numa figura que lá se chamava *ad honorarium*, você trabalhava num hospital, não ganhava, pagava seu supervisor, pagava seu grupo de estudos e seu analista.

Alguns tinham recursos familiares, eram herdeiros, mas não era o meu caso, certo? Então eu tive que fazer muito esforço para sustentar a formação. E damos muito valor ao serviço público, então tem na figura, até hoje, nos argentinos, um culto ao hospital, porque parece que o hospital é o local de trabalho com pobre. É o sonho de Freud de levar a psicanálise também para os pobres, que está em alguns textos de Freud.

E quando eu cheguei aqui, enfim, não conhecia ninguém, meu primeiro contato foi o Antonio Carlos Cesarino, que é um psicodramatista. E eu falei pra ele que tava chegando, que não tinha contato nenhum – nunca vou esquecer – eu falei assim: "Mas eu tenho um problema muito sério, eu não sei falar português". Aí ele é culpado desse meu sotaque até hoje, ele disse: "Veja, olha, vou lhe dar um conselho, nunca aprenda a falar direito o português porque, aqui nesse país, qualquer cara que chega de fora é mais valorizado do que o que é produzido aqui. Então você conserve seu sotaque".



PSICANALISTAS QUE FALAM

Na minha entrada no Brasil, e na minha permanência, um outro mestre que foi muito importante para mim que foi o Gregorio Barembliitt. Porque o Gregorio já estava no Rio, ele já tinha organizado aquele congresso famoso no qual veio ao Brasil o [Franco] Basaglia, [Félix] Guattari, Castelli, os institucionalistas... Isso eu não estava, foi em 78, eu cheguei em 79. Mas, enfim, foi através dele que:

Eu apresentei um trabalho aqui num congresso de psicanálise e pediatria e comecei a trabalhar no IBRAPSI [Instituto Brasileiro de Psicanálise] e me tornei analista didata do IBRAPSI, que lá se chamava analista formativo. E participei... E a ideia era: "Eu vou para São Paulo ou vou pro Rio?". Mas em São Paulo, primeiro: a minha companheira na época tinha emprego. Segundo: estava se criando o PT [Partido dos Trabalhadores], que se criou em São Paulo, certo? E em terceiro lugar em São Paulo havia um projeto do IBRAPSI – o IBRAPSI é um instituto brasileiro que já não existe mais, mas que foi muito importante, de psicanálise e grupos em instituições.

[10:00] Havia um projeto... O IBRAPSI já tinha tido muito êxito no Rio de Janeiro, foi por causa desse êxito que acabou, porque se tornou... A clínica social do IBRAPSI cobrava mais barato que os da Sociedade de Psicanálise e tinha analistas melhores, então se tornou um inimigo perigosíssimo. Mas a vontade imperialista – no bom sentido da palavra – do Gregorio, era levar o IBRAPSI para São Paulo. Mas eu continuava, como bom estrangeiro, vivendo do consultório. Eu tinha grupos de estudo, dava aulas em grupos de estudo, dava aula de milhares de coisas... Até quando cheguei dei aulas de psicanálise em várias instituições: no IBRAPSI, em Brasília, em Assis, enfim, em muitos lugares.

Então eu não estava conseguindo editor para o *Saúde mental e cidadania* e aí o Drummond ele disse: "Veja, liga para o David Capistrano, que este daí é "bonista" ele vai aceitar. Bom, eu liguei pra ele, pro David Capistrano, expliquei que estava com um livro e que não estava conseguindo editar e ele era diretor do *Saúde e debate*, com o Gastão Wagner e outros companheiros... E, enfim... Bom, e aí ele se interessou pelo livro e ele falou: "Você pode vir aqui?". E eu falei: "Agora eu não posso, eu só posso um pouco mais



PSICANALISTAS QUE FALAM

tarde". E ele disse: "Você está aonde?". "Eu estou aqui na Rua Lisboa. "Então eu vou até aí".

Então, na verdade, o David Capistrano eu conheci na minha casa, num escritório que eu tinha no porão. Ele foi lá, viu os textos que eu tinha gravado, que tinha transcrito e feito à máquina, datilografado, aí ele leu e falou: "Não, esse livro nós temos que publicar agora. Agora, eu queria também que você, eu queria te propor... Eu queria seus serviços profissionais, eu queria que você viesse trabalhar aqui em Santos".

Bom, aí eu acertei um dia, fui lá, conversei com ele, ele falou: "Veja, a situação aqui é assim, eu acabei de assumir aqui, ganhamos a eleição da Telma de Souza e nós queremos fazer um programa de saúde mental.

E não existia SUS naquela época. Em 1989, tinha-se acabado de promulgar a constituição e em Santos começou a construção das policlínicas. Policlínicas tinha um nome em consideração às policlínicas cubanas.

E se criaram as policlínicas, e os médicos que estavam, e os dentistas e os enfermeiros eles foram trabalhar, se aumentou significativamente os salários, eles tinham que trabalhar nas policlínicas e cumprir horário, coisa que não acontecia, porque eram todos dos sindicatos, de política, e muitos largaram. Mas, enfim, duramente se começou a organizar o SUS em Santos, que foi uma das cidades exemplares da criação do Sistema Único de Saúde.

Muito bem. E tinha lá o Hospital Anchieta, que era o único hospital psiquiátrico, que fica perto do campo do Santos, da Vila Belmiro, na Vila Belmiro, lá no centro, e os sindicatos, os sindicalistas, tinham pedido pro David Capistrano criar mais vaga, porque tinha pouca vaga, porque o lugar era muito ruim. E ele já respondeu naquele dia que não era para criar mais, que era pra acabar com esse Hospital. Coisa que ninguém tinha coragem de falar, porque aqui em São Paulo, a gente criou, organizou as equipes com os ambulatorios e os serviços de saúde mental nos postos de saúde, mas ao invés de diminuir a internação psiquiátrica, aumentava. Então o David falava: "Não, nós temos que pegar o touro pelas hastes, nós temos que entrar na cidadela da psiquiatria e disputar a batalha lá".



PSICANALISTAS QUE FALAM

Um dia, nós estamos preparando para a saúde mental, como organizar, planejamento, toda aquela coisa que tradicionalmente um gestor pensa e chega o David com um negócio assim, um monte de papel, umas pastas e me chama e fala assim: "Vem cá, olha o que eu achei, isso daqui – ele achou por um araponga – isso aqui é uma inspeção que tinha ocorrido no Hospital Anchieta e que tava tudo irregular". Excesso de leito, pessoas doentes, mortes e começamos a batalha política lá, de desprestígio, de denúncia, do que acontecia, das pessoas que faleceram, enfim. Até que pensamos na ideia de fazer intervenção no Hospital Anchieta. Isso a gente decidiu no dia em que eu fiz 40 anos, no dia 29 de abril de 1989.

[15:50] A gente se reuniu na minha casa, na Rua Lisboa, 509. A reunião estava marcada para decidir a intervenção no Anchieta às 9 horas da manhã, quando são 8 da manhã toca a campanha, era o David, que chegou uma hora antes. Aí eu não tinha acordado direito e falei: "David, olha, eu não acordei direito, não tomei nem banho ainda". Ele disse: "Não, não se preocupe". "Eu não comprei nem o jornal". Ele falou: "Não se preocupe, eu já li os jornais". E aí ele entrou em casa e quando... Ele falou: "Não, não se preocupe, vai tomar seu banho que eu vou procurar na sua biblioteca alguma coisa para ler". [00:16:34.24] E, bom, quando eram 9 horas estava todo mundo, ninguém chegou atrasado: [Roberto] Tykanori, Cenise Monte Vicente, Willians Valentini, David e eu. 9 horas e sentados na copa da cozinha e então ele pegou o livro do Jean Oury - *Os dez dias que comoveram o mundo*. Aí ele leu aquele parágrafo que falava que o Lenin tinha proposto que a insurreição seria lançada no dia 7 de novembro, porque dia 8 era tarde e o dia 6 era cedo. "Isso posto, quando é nosso 7 de novembro?". E foi assim que nós pensamos, enfim, o que é que nós faríamos, que dia... Qual era o nosso 7 de novembro?

Daí nós decidimos que o 7 de novembro seria o dia 3 de maio, porque dava tempo de avisar e etc etc etc. O dia 3 de maio de 1989.

Mas ainda precisava passar a nossa ideia pelo Conselho Político. E o Conselho Político era um número par e a metade das pessoas era a favor e a outra era contra, então



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

ficou voto de minerva para a prefeita [Telma de Souza]. E a prefeita falou: "Olha, eu quero ver a cara dos interventores". E marcou.

Eu estava atendendo no consultório e me ligam de Santos, da Prefeitura de Santos, que eu precisava ir urgente pra Santos pra uma reunião. Eu parei, deixei de atender os últimos pacientes, fui pra Santos. Cheguei lá e a Telma chegou acho que às 2 da manhã. Deixou a gente esperando na Secretaria de Saúde e aí ela perguntou: "E aí, como é que vocês vão fazer a intervenção?". E aí a gente descobriu que a gente não sabia. Então eu, como era psicanalista do grupo, eu falei: "Olha, eu queria antes de explicar nosso plano, eu queria que a senhora pense, assim, o que é que a sociedade santista vai achar se a gente abre as portas do Hospital e fica mostrando tudo o que acontece, o que é que a senhora acha?". Eu não sei o que ela respondeu, porque não lembro até hoje.

Mas aí eu fiz a cola e coloquei: "Olha, nosso trabalho vai ser desenvolvido em cinco tempos. Primeiro tempo... Segundo tempo...". Quando eu cheguei no terceiro ela chamou o David e falou: "Eu gostei do gringo, vamos embora". E voltamos, tipo às 3 e meia lá de Santos. E David ia falando e eu preocupado porque faltavam... E ainda levei ele até a casa dele que morava no Bonfiglioli. Aí ele de repente acordou, porque ele dormia, eu tava falando e ele dormido, quando chegamos eu falei: "David, chegamos." Aí ele acordou e abriu a porta e voltou de novo e falou: "Olha, você não se preocupe, a gente vai se divertir". E assim foi que às 8 horas da manhã estávamos no dia seguinte lá no Hospício, entramos lá.

E aí isso foi uma das coisas que mais mudaram a minha vida.

[20:00] Porque aí depois nós descobrimos... Bom, eu que coordenava as assembleias dos familiares. Imagina, tinha 400 pacientes! Quantos? Era uma sala enorme! E as assembleias de pacientes. E dava plantão! Todo mundo dava plantão lá, professores de história, psicólogos... Porque éramos poucos. O psiquiatra logo nós demitimos, assim como foram fechadas as celas fortes na primeira noite. Enfim, todas as ações muito rápidas. E, enfim, aquilo foi muito forte, porque uma semana depois perdemos na justiça, porque os juízes de lá se manifestaram contra. Imagina, era uma instituição privada! Não



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

havia jurisprudência. [00:20:46.19] A única coisa que... Eu me lembro que o Sérgio Sérvulo da Cunha, que era um grande socialista, que era o vice-prefeito, um homem divino, ele falou: "Como é que nós vamos justificar isso aqui? Isso aqui é uma empresa privada, aqui estamos no Brasil, como é que vocês vão intervir com poder de polícia, tomar as contas bancárias, vão demitir o diretor e vão tomar conta? Baseado em que?". Baseado em que a Constituição falava que a saúde era direito do cidadão e dever do Estado, só isso, não tinha lei do SUS, não tinha nada. E nós perdemos na justiça lá, mas depois ganhamos em São Paulo e aqui foi uma batalha enorme.

E ainda não entendi por que com tantos pacientes, com tanta patologia, com tantos... Não se suicidou um paciente naquele período, éramos tão poucos para cuidar daquelas pessoas, mas é que a vida era tão intensa, acho que a coisa era tão intensa, era tão maníaco o que se vivia lá, as pessoas... Todo mundo mudou de vida, as pessoas se separaram, se casaram, houve vários filhos da intervenção. As pessoas eram apaixonadas! Enfim, aquilo foi muito forte.

E aí eu fui entendendo, que muitas das ideias que eu aprendi na Argentina não serviam. Teve duas lições que eu aprendi aqui. A primeira foi: um dia eu fui pescar e tinha lá, entre as pessoas que estavam pescando com um amigo, Percival Maricato, um professor de história, que eu já vou lembrar o nome, são muitos anos, e eu pedi uma bibliografia pra entender, pra estudar a história do Brasil, a história econômica, enfim. Aí ele falou: "Olha, eu vou te dar a bibliografia, mas antes eu vou te dizer uma coisa, você tem que aprender isto: tudo que você sabe, não serve, tudo que você aprendeu lá na Argentina, relações sociais, o modo como as pessoas se relacionam, você esqueça! Porque aqui teve 300 anos de escravidão, as relações sociais são completamente diferentes. Se você não aprender isso, você não vai aprender nunca mais nada. Então, meta na sua cabeça, que aquelas ideias que você tem, de como você trata, de como você entende, ou...". Enfim, aquilo foi muito importante pra mim.

E a outra, foi Santos. Porque a ideia que nós tínhamos é que o hospital era um lugar nobre, porque atendia pobres, enfim, era especialmente algo que precisava ser



transformado, fechado, revolucionado. Santos, em pouquíssimos anos, nós fizemos uma intervenção em 89, em 94 fechou o hospital. Ou seja, as pessoas se organizavam nas equipes e cada um se levava seu paciente segundo a região da cidade, quando eles estavam fortalecidos iam embora. Então ia desmontando o hospital, até que fechou.

Eu tenho contribuído em trabalho com projetos de apoio a políticas públicas da SENAD - da Secretaria sobre drogas, do Ministério da Saúde... Eu sou supervisor para os serviços que tratam de usuários em São Bernardo, que é nossa melhor experiência em termos de construção de redes. Tenho defendido arduamente o projeto Braços Abertos, que é o projeto daqui, da região da Luz, desse bairro aqui, de Campos Elíseos, que é onde mora, onde está a maior zona de uso do Brasil.

A minha relação com a psicanálise ela é complexa, porque eu nunca deixo de voltar aos textos.

[25:00] Por exemplo, agora estou trabalhando sobre várias coisas, mas uma é um capítulo do livro que chama *A formação do caráter do trabalhador de CAPS/AD*, que são aquelas pessoas que trabalham com drogados... Esse é meu último foco nos últimos anos, tanto no consultório como na saúde pública, enfim.

E aí o conceito fundamental que eu estou trabalhando é o de plasticidade, ou seja, qual é o grau de plasticidade psíquica que um sujeito precisa para trabalhar num lugar assim.

O Freud achava, nestes textos machistas dele, que a mulher depois dos 30 não tinha mais plasticidade psíquica e não podia se analisar por que já não ia mudar. E aí neste mesmo texto ele fala assim: "Mas, na verdade, eu não entendo nada de mulheres, então se vocês querem entender perguntem a umas poetas". Então imagino que ele era machista, mas *non troppo*.

Mas em outros textos ele diz que não depende da idade, que tem pessoas que com o decorrer dos anos elas não perdem a plasticidade psíquica.

E neste texto eu tô trabalhando nesse conceito de plasticidade psíquica para entender como é que o sujeito consegue tratar do outro, mas eu tô também me



PSICANALISTAS QUE FALAM

fortalecendo com o conceito do [Antonin] Artaud, que é o do atletismo emocional. Ele diz que o ator precisa ser um atleta emocional.

Eu acho que os grandes analistas, principalmente aqueles que, como eu, nos lançamos a trabalhar fora do *setting* convencional: ou no hospício, ou na rua, ou aqui pertinho de casa na Cracolândia... Tem que ter uma capacidade de escuta, formação, você precisa ter um alto grau de plasticidade psíquica, pra poder inclusive manter um tônus erótico.

É isso que eu tô trabalhando.

Mas é preciso de uma presença. Você perde, você se interessa mais por aquilo que te dá potência. Porque a nossa existência ela é tão achatada, nós temos, como uma provocação do Luiz Fuganti, temos tantas ameaças para a nossa subjetividade contemporânea que urge se encontrar com as próprias forças, com as próprias potências de cada um.

Agora, tem outros paradoxos que têm a ver com o mundo contemporâneo, com a situação que a gente vive, com o senso comum... O Luiz Fuganti ele sempre, em conversas nossas, ele sempre lembrava da ideia de que:

Para poder pensar é preciso superar o bom senso e o senso comum. Sempre estar nessa circunstância. Porque é tão terrível o nosso cotidiano.

Eu agora ultimamente tenho tratado de uns problemas mais complicados, porque: a reforma psiquiátrica brasileira é triunfante, mas ela vem sofrendo derrotas. Desativaram 60 mil leitos, mas quantos mil outros foram criados pelas clínicas, né? E que não são criadas só pelo Estado, mas são criadas também por grupos de pessoas que se reúnem e criam.

Enfim, há um estado de... Desde 2012, quando começou a haver a campanha excessiva da mídia em cima do crack, em cima da epidemia do crack – que se supõe que o crack é uma epidemia, apesar da substância ser inerte, enfim. Ele pode ser epidemia porque aumentaram os casos.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Existe esse fenômeno que eu chamo de contrafissura, que afeta toda a sociedade e que afeta fundamentalmente quem vai cuidar daquelas pessoas, as pessoas que acha que têm que salvá-los, eles acham que eles podem, enfim...

Por exemplo, a gente produziu um texto – a gente produziu vários textos pra esse caminho do cuidado – um deles é esse guia aqui que eu considero que é nossa melhor obra, esse *Guia de saúde mental*, para agentes de saúde. E aqui a gente explica como não dar sermões, isso parece muito simples, as pessoas não dão importância, mas isso aqui tem mais de 40 versões para chegar nesse produto aqui. Daí fizemos alguns e mandaram recolher, enfim...

[30:30] Então eu não sei o que que nós, diante dessa situação de crise, podemos fazer.

Em alguns campos para mim está claro, por exemplo, eu penso que perante essas circunstâncias é um campo de combate o que nós chamamos de “redução de danos”, de política de redução de danos. Eu acho que nós temos também uma clínica de redução de danos, coisa que ninguém se aventura a falar.

E eu acho que nós podemos oferecer, ao invés de eliminar, ou de esconder, enfim, nós podemos oferecer uma rede: “O que nós da saúde podemos fazer?”. Podemos inventar várias experiências novas.

Essa aqui do Braços abertos é uma experiência nova, ela é inspirada nas *housing first* canadenses e americanas que primeiro dá casa. E isso é um programa já testado. Eles trabalham com pessoas de seis anos de planificação na rua e uso de álcool continuado e demonstraram que dar uma casa sem exigir nada melhora mais do que os que ficam na rua. E, se comparado com aqueles que ficam dois anos com um contrato, fazendo xixi uma vez por semana, baseado na abstinência, o efeito é o mesmo.

Agora, você compara um paciente que aceita um contrato de dois anos com aquele que não quer saber mais nada. No entanto é uma invenção. Então é uma experiência importante essa que nós estamos vivendo, que é uma experiência muito complexa, muito controversa, porque tem dois projetos opostos aqui: o do Estado, que



PSICANALISTAS QUE FALAM

é eliminatório e que é baseado na abstinência e primeiro na internação e com todas as ideias que se tornaram convencionais e que são absolutamente reducionistas, de achar que o problema do crack é só a droga. A última pesquisa da Fiocruz que 80% dos caras que estão nas zonas de uso são homens, são negros ou pardos e 80% não completaram o ciclo primário. Mais de 50% são egressos do sistema prisional e o problema é o cérebro? Certo?

Então, quando você primeiro ataca questões mais difíceis, quer dizer, como aqui, que você ofereceu um pacote de direitos: moradia, alimentação, trabalho... Claro, é uma complexidade enorme, mas é uma iniciativa. Então eu acho que são investimentos onde a gente pode com certeza desenvolver. Mesmo que seja complexo, que as próprias pessoas que conduzem tenham muita dificuldade de entender o que estão conduzindo, porque é muito difícil, exige uma plasticidade psíquica enorme e porque tem pessoas que não conseguem, certo? Porque tem a ver com a subjetividade. E eu acho que é uma experiência importante, mas eu acredito que isso não é o suficiente.

Eu acho que nós temos alguma coisa a pensar e a participar nestes momentos tão complexos. Você vai a uma reunião de psicanalistas e é insuportável, você vai na reunião do PT e é insuportável, é chato, certo? O PT se transformou num lugar do sujeito que tem mandato. As únicas coisas que têm um certo ar fresco são aquelas reuniões do Movimento Passe Livre [MPL] que eu também tenho participado.

Eu aprendi com o David que a capacitação, que o trabalho é um trabalho de combate, de que você precisa transformar.

O David falava assim que a pior coisa que tem o Brasil é a cordialidade brasileira, que deixa as coisas como estão para que nada mude.

Então eu tenho essa... Eu diria que na minha vida eu tenho essa paixão *capistrana*, porque eu aprendi muito com ele, aprendi isso de que você primeiro avisa e depois alega. Primeiro você faça e depois pense.

[35:20] Bom, mas não pode ser que a gente só viva... Bom, eu sou considerado uma das viúvas do David, né? Com muito orgulho. Mas nós temos que superá-lo. Inclusive:



PSICANALISTAS QUE FALAM

eu participei de outro grupo, que se chama O Orfanato, que são os órfãos do David e do comunismo e também ali sou o único analista que vai, porque todos os outros são sociólogos, ou médicos, sanitaristas, enfim. Então... E também eu acho que cumpro uma função de contraponto lá para a gente pensar, mas é muito pouco, eu acho que a gente está acanhado.

É muito grave a situação em que nós vivemos e, ao mesmo tempo, talvez seja muito promissora. Eu acho que nós poderíamos pensar nisso: o que que vai gerar esse impasse? Talvez esse seja o momento de um caos promissor.

Como é que... Você vive cheio de armadilhas, "como é que você vai desenvolver alguma coisa interessante?", como diz o Luiz Fuganti, "como é que nós vamos ser merecedores de um futuro?".

O que que nós vamos fazer na nossa existência que vai ter algum sentido, certo? Ou nós vamos continuar envergonhados de nosso desejo, acovardados em tantas circunstâncias, porque, enfim, vamos perder o emprego ou não sei que mais...

O problema, eu acho, dos terapeutas, tanto da atividade pública como em consultórios, é como... Eu fazia metáfora da pilha, porque no caso de CAPS é impressionante, né? Assim, se o sujeito é uma pilha normal, chega uma hora em que ele descarrega, então você tem que jogar fora, porque ele não aguenta, não é qualquer um que suporta.

Tem uma eleição, agoniada, de quem é que vai... Não é qualquer um que é analista, terapeuta, e ainda mais desses loucos, drogados, enfim.

Então a fórmula é a da pilha autocarregável, não é autocarregável porque tem que cuidar do cuidador... Tem, claro, é importante: análise, essas experiências. Mas tem muitas formas que você pode, a principal deve ser a que no seio da tua experiência, você é capaz de se auto carregar. Eu, por exemplo, que tenho passado momentos difíceis na minha vida, eu perdi meus pais, enfim.



PSICANALISTAS QUE FALAM

O momento de cura é a hora em que você escuta o outro. A hora que você... A gente se cura com os pacientes, né? A gente se trata com os pacientes.

Um verdadeiro analista ele precisa ter um tônus erótico, uma força afetiva para poder ter presença, mas ele tem que ter, eu acho, um grau... Eu acho que o mais difícil: um grau de *esquizia*, de esquizoidia, de você poder transferir, de estar em vários lugares, de poder você esquecer as coisas que você fazia, poder abandonar e entrar em outra, de sair, de poder entrar em outras práxis. Isso eu acho que nós temos a dizer. Temos coisas a dizer.

O Freud se importava muito pela cultura e pelas transformações, quanto mais os pós-freudianos então, imagina? Os *deleuzianos*... Então eu acho que isso daí não é algo que te desmereça, ao contrário, isso daí é algo muito mais incitador, né? O Deleuze falava assim que você pensa quando você é obrigado a pensar, quando você se mete numa situação que parece que você não vai sair dela.

Então eu acho que isso aí é o mais importante, e agora eu acho que nós temos uma grande oportunidade, porque nossa situação social e política... E no campo da saúde mental nós temos enormes desafios, enormes!

[40:05] Eu acho que a história dos drogados nos trouxe um novo capítulo, para a nossa vida contemporânea. Se sugere um investimento em lugares de muito difícil transformação, em que os desafios são enormes. É um campo atravessado por mil determinações: justiça, traficantes, gestores, mídia, enfim...

Aqui, desde 2009, eu sou supervisor das equipes de saúde da família, da atenção básica, aqui do centro da cidade e eu acompanhei, eu sou testemunha de todas as dificuldades...

Você precisa ver essas equipes aqui, de São Paulo, que são de agentes comunitários, enfermeiros e médicos, o que passaram... Na época em que os "nóias" eram obrigados a desfilar de madrugada, eles [membros da equipe] também eram obrigados a andar à toa para fazer presença perante a mídia. Eles [membros da equipe] foram degradados, eles faziam trabalho de curativo, de cuidado e a polícia, a guarda municipal,



PSICANALISTAS QUE FALAM

do outro lado a repressão. E às vezes deles mesmos. E eles [membros da equipe] passaram muito, mas muito vexame na fila das AMAs e dos prontos-socorros, porque quando sabe que estão trazendo população de rua, passam eles pra trás.

Enfim, são pessoas que tem... Muitos resistiram, outros já não aguentaram... E vivem uma realidade realmente... Eu fico muito preocupado porque não tem sido dada a atenção necessária àquelas pessoas.

Por exemplo, meu trabalho de alguma maneira se interceptou, eu tô fazendo outras coisas, tô contribuindo, enfim... Eu acho que isso é um campo que tem me ocupado muito, mas se você se mete só nessa história, se você fala: "Não, eu sou um especialista, é trabalho social, eu vou ser especialista na clínica de drogados. Ou vou ser um especialista...". Enfim, aquilo lá fatalmente vai te tornar limitado. Aquilo lá é que nem falava a Mimí Langer: "Um analista ele é... Um analista que não tem cultura, que não lê literatura, que não lê filosofia, é que nem um lutador vesgo, ele vai apanhar". Não pode se dedicar só ao estudo do inconsciente. Tem gente que estuda Lacan e repete... Mas é muito pobre. Eles entram em um buraco sem fundo, eles ficam presos.

Enfim, não é só o campo, claro, acho que todos que estamos metidos nisso temos nossas paixões literárias e nossas paixões filosóficas e enfim... E outras, musicais, estéticas, sei lá.

E eu acho que isso é importante, porque, veja só, como é que você avalia uma circunstância? Como é que você faz... Às vezes eu acho... Qual é o critério? O que é o mais justo, o que está certo, o que está errado? Enfim, eu acho que, para mim um critério é o critério estético. Tudo bem, o projeto é válido? Mas é feio.

O Oswaldo manda uma pergunta e fala: "Você conseguiu fazer alguma coisa na sua vida que não fosse política?". No sentido amplo da palavra política: "Sim, acho que sim, eu fiz muitas coisas". Mas eu acho que no sentido forte da palavra eu concordo com o Mike Tyson, que falou: "Tudo é política".

Como é que o sujeito tomado por toda essa infantilização, esse senso comum, esse ódio terrível que está arrasando o Brasil atualmente, como é que nós vamos...



PSICANALISTAS QUE FALAM

Eu acho que urge a gente pensar isso, nós analistas deveríamos pensar em fazer colóquios, para pensar o ódio social produzido no Brasil, o ressentimento.

[45:00] Como é que nós vamos sair dessa situação, dessa peste que se criou e desse senso comum sobre a corrupção e todas aquelas balelas e estupidezes, certo?

Aí tá cheio de analistas falando barbaridades, esses estudos e senso comum falando sobre a corrupção e toda aquela coisa aplainada, aquela infantilização... E falar: "Porra, mas esse cara trata de alguém? Esse cara pode entender? Como é que ele se afeta com esses lugares comum?". Eu acho que um "cozinha" não é um bom analista.

Voltando a respeito das políticas públicas:

Eu acho que a gente, e eu em particular, temos conseguido muitas coisas importantes. Eu acho, por exemplo, que a experiência de Santos foi muito importante. Porque ela se expandiu que nem uma peste no Brasil inteiro. Mas a experiência que a gente fez aqui em São Paulo com o projeto Qualis, o projeto Qualis era um projeto de saúde da família, foi a primeira experiência de saúde da família que se fez aqui.

Quem abriu espaço, quem trouxe o dinheiro pra São Paulo, porque na época tinha o PAS aqui, quem trouxe esse dinheiro foi o professor Adib Jatene.

Um dia se apareceu lá na zona norte e me perguntou: "Você quem é?". Eu disse: "Eu sou coordenador de saúde mental". "E você faz o que?". "Aí, assim: "Nossa equipe não tem psiquiatra, a nossa equipe é móvel, nós não trabalhamos no consultório, fazemos capacitação dos agentes primeiro, depois fazemos a capacitação dos médicos e daí a gente escolhe os casos mais difíceis e os visitamos de surpresa, sem que os caras demandem".

Veja só, para um analista, naquela época, laciano, como é que você vai atender um paciente que não demandou, exatamente aquele que não quer tratamento, só que o cara está pra se suicidar, ou está trancado lá, ou está ameaçado de morte pelos traficantes, enfim... então nós atendíamos aqueles casos mais difíceis e os visitávamos de surpresa, certo?



PSICANALISTAS QUE FALAM

Aí quando ele me perguntou como que a gente trabalhava, aí eu falei: "Agora vou ser demitido". Mas ele falou: "Olha, eu faço 50 anos... Tenho mais de 50 anos de experiência clínica e eu pergunto, à luz dos meus 50 anos de experiência clínica: O que é que um médico sabe em um consultório se comparado com uma visita domiciliar?". Você entra e já sabe tudo: como come, o que manda, quem não manda, como come, como caga, as doenças que tem, enfim...

Ele logo entendeu aquilo, ele foi muito importante para nós, porque naquela época a gente tinha saído de Santos e a equipe do projeto Qualis ela foi criada e coordenada pelo David e depois... E todas as pessoas que estavam lá trabalharam com ele antes. Nós estávamos chegando de Santos, onde tínhamos criado o CAPS, o NAPS, nós tínhamos feito a experiência de Santos, premiada, tudo isso e quando chegamos aqui e falamos: "Como é que nós vamos fazer com o problema da saúde mental? Vamos fazer igual a Santos?". Como fazem todos os "mentaleiros", são dogmáticos: "Vamos fazer como em Santos, pedir CAPS?".

Mas no final a gente não fez igual a Santos, a gente fez tudo diferente. Nossa equipe era volante: Nós achamos que a essência da saúde mental é inventar, então nós temos que inventar um novo sistema. [00:48:38.07] E inventamos um sistema, e esse sistema que nós inventamos, ele se espalhou aqui em São Paulo e no Brasil inteiro. Hoje nós temos esse programa nosso Caminhos do Cuidado, nós capacitamos os educadores, depois capacitamos os tutores e depois dos tutores capacitamos agentes de saúde etc etc. Bom, e para isso nós produzimos vídeos, produzimos livros, produzimos cartilhas - como essa que mostrei. E agora nós estamos começando a colher os resultados.

Porque o senso comum é de que os drogados é um sujeito safado, que se o médico sabe que o cara bebe, [ele] não vai ser atendido. Você precisa ver a produção que foi feita, os vídeos aqui, no Rio Grande do Sul, eles fizeram um "chuveiro social" como trabalho de fim de curso, porque tinham uns homens de rua que não tinham onde tomar banho, então eles fizeram um chuveiro social. E aí o pessoal da saúde mental achou que



PSICANALISTAS QUE FALAM

aquilo era higienismo, então eles lutaram junto ao Conselho de Saúde e conseguiram instituir o chuveiro social.

[50:00] Aqui em São Paulo, na Mooca, eles tomaram uma praça abandonada, tomada por alcoólatras e homens de rua e usuários de crack e eles foram lá, reuniram a população, fizeram uma assembleia, limparam a praça, pintaram, com a população - isso não saiu em nenhum jornal - e estão tratando as pessoas na UBS. Veja, e isso foi em curso que a gente fez.

Então aquelas ideias centrais, dessa metodologia da saúde mental na atenção básica, que eu acho que é uma das coisas mais modernas que tem, porque no mundo contemporâneo, como disse o Deleuze, não é mais a sociedade de disciplina. O próprio [Michel] Foucault falou que no fim da vida dele que a sociedade disciplinar iria acabar, que aquelas fábricas e aquelas arquiteturas... O modelo era a fábrica, o convento, o arquiteto [Jeremy] Bentham que inventou aquela engenhoca... Aquelas instituições disciplinares para formar a sociedade capitalista... Aquilo continua funcionando, mas agora o controle é ao ar livre. Então ele enunciou esse conceito de sociedade de controle. Ou então por isso tem cada vez mais *homecare*, por isso tem cada vez mais intervenção a domicílio.

Então é meter o pé na lama, não só porque existe lama na favela, mas meter na lama de entrar onde ninguém te chama. De atravessar o limiar entre a liberdade e a demanda. Então, veja só, como é que para um sujeito que foi criado naquele conceito que o lugar do analista é o lugar do suposto saber e que o cara te procura porque ele acha que você sabe da verdade dele, isso é constituinte da relação analítica, você vai num cara que nunca te chamou? E, no entanto, se gera transformações, porque você movimenta a família, você movimenta as redes.

Você não está ali pra fazer interpretação, mas o cara que é deprimido e que mora na favela, ou ele é destinado a tomar fluoxetina de porvida [pela vida toda] ou então o médico fala: "Veja, vai lá caminhar, fazer a caminhada com os diabéticos". E aí ele descobre que pode fazer uma relação, que pode discutir...



PSICANALISTAS QUE FALAM

Então você cria dispositivos analíticos, você pode criar dispositivos analíticos em qualquer lugar, porque é só o cara ir lá e ressignificar a sua história que você tá fazendo análise, certo?

Então isso daí teve uma revista que publicou um trabalho nosso que chamava "Analistas de pés descalços", certo? Bom, ninguém andava descalço lá porque era perigoso, mas no sentido de que você pode se meter.

E outra coisa: esse trabalho, ele além de ser mais desafiador, ele é muito mais complexo, às vezes. Não é que o trabalho no consultório não seja, claro, tem coisas maravilhosas e etc, mas você pode gerar as histórias mais fantásticas, né?

Por exemplo: em São Bernardo tem um sujeito que foi internado 140 vezes e a última foi por ordem do juiz, porque o cara bateu no pai e a mãe foi a óbito no meio da briga. Então ele foi obrigado a ficar interditado no CAPS que é de porta aberta. Então eles mantiveram o cara dois anos de porta aberta. Ele roubou, ele estragou a vida, ele chegou bêbado, ele levou drogas, enfim... Ele foi mantido lá. Às vezes foi internado à força porque ele estava insuportável. Ali – mas não num hospício, no pronto socorro – segurado na unha, certo?

Bom, até que chegou aquela história que teve aqui em São Paulo, do Alckmin fazer a internação compulsória. Então eles fizeram, há dois anos atrás, o carnaval da internação compulsória. Pegaram aquele paciente, fizeram um gesso do corpo dele, colocaram numa jaula e ele mesmo ia empurrando a jaula que ele mesmo se auto internava. Bom, isso foi uma das coisas que fizeram. E o cara tava mantido lá, enfim, nem sei como. Um dia chegou com as mãos sangrando: "Matei o cara". E era só pra desestruturar a equipe, porque, na verdade, era uma carne de segunda que ele tinha pegado num açougue.

[55:10] Bom, enfim... E aí como é que eles conseguiram dar a volta por cima? Conseguiram assim: ele se apaixonou por uma mulher, que também é paciente de lá. E daí o projeto terapêutico dele era o casamento do sujeito. Então eles fizeram o casamento. Mas como ele tava interditado ele não podia se casar. Então o que eles fizeram? Fizeram que nem aquele filme *O filho da noiva*: chamaram um ator, um cara que trabalhava lá, e



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

ele fez o casamento. E o cara agora saiu das ruas, saiu das drogas, está trabalhando, mora com a mulher... A mulher que está mal e ele cuida da mulher agora, esses dias estavam ali e ela tinha tido um problema, né? Bom, enfim. Então se faz esse tipo de milagre.

Então você vê, lá em São Bernardo tem uma moça que foi estuprada durante seis, sete anos por um cara, com ameaça de morte e um dia levou o... o... o cara, o estuprador, inventou de tomar banho de cachoeira. Claro, cachoeira o cara tem que tirar a roupa e voltou e ela descarregou o tambor inteiro e matou o cara. Aí ela ficou conhecida no bairro em que ela morava como "a justiceira". Então as mulheres chamavam pra trabalhar os maridos violentos, pra dar um trato nos maridos violentos. Mas aí ela começou a... Achou um cara e o cara começou a usar drogas, ela começou a se deprimir, tentou o suicídio, foi parar no CAPS. Até que um dia, depois de muito vínculo, ela conta pra terapeuta que na verdade ela era assassina, que ela tinha matado um cara e que ela tinha feito não sei quantas outras coisas na vida. E a terapeuta foi preparando ela pra ela contar isso no grupo de mulheres. Ela contou isso no grupo de mulheres e ninguém a condenou, ao contrário, ela foi reconhecida, foi protegida pelo grupo, enfim, e agora ela já largou o tratamento e hoje é acompanhante terapêutica em outra cidade, próxima.

Pra você ver que o perdão é mais poderoso que a prisão, que a culpabilização.

Então a gente fala isso, a gente ouve um psiquiatra lá do grupo do Laranjeiras e vai achar que você é um idiota, mas, enfim, nós precisamos... Nós continuaremos sendo idiotas e o que for necessário, porque também dessa maneira eu acho que não só se levanta... Não é a questão de "Eu sou um bom analista, se repito qual teoria ou se adiro a tal teoria". Ou então, no campo de saúde mental... Eu acho que são coisas que têm muito a ver com como o que nós *sartrianamente* fazemos com aquilo que fizeram de nós. O que que... Qual é o nosso...

Porque em psicanálise se fala muito de ética e tudo isso, mas a ética, pelo que eu aprendi de Spinoza, tem a ver com o corpo, são as relações de corpo, a moral é que é da alma. Então eu acho que a pergunta permanente que nós fazemos, que todos nós



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

deveríamos fazer como é... Com mais dificuldade ou menos dificuldade: como é que a gente não se separa daquilo que a gente pode?

Essa que é a questão, vamos dizer assim: spinoziana-nietzschiana, como é que você... Parece uma coisa individualista, mas não tem nada a ver com isso eu acho...

Enfim...

Nesses dias, por exemplo, eu tenho lembrado muito do Néstor Perlongher, que foi um companheiro, inspirador...

Por exemplo, agora, a gente tá trabalhando ali no centro da cidade, na Cracolândia, se você pega os livros do Néstor Perlongher, o trabalho que ele fez sobre a prostituição masculina, *O negócio do michê*, você vê o mapa que ele levantou da cidade de São Paulo, a Praça da República, a divisão de áreas entre travestis e prostitutas, enfim. É um negócio impressionante. Esses não têm mudado nada.

[01:00:10] Você vai ali no Dante Alighieri, por exemplo, tem os michês do Dante Alighieri, você desce a Rego Freitas e está lá os michês, você passa do outro lado pra lá e estão as travestis, pra cima estão as mulheres, enfim, tudo aquilo não mudou.

Então, quando a gente, por exemplo, faz uma intervenção como a que foi feita aqui em São Paulo, que visa fazer uma transformação da área da Cracolândia, deve lembrar desses territórios marginais. Tudo bem, eu acho que o governo tem que impôr...

Mas o que que seria uma cidade que pretende acabar com os territórios marginais? Não seria um delírio?

Por exemplo, nós vivemos hoje, todo o movimento antimanicomial, ele se organizou em torno da utopia de uma sociedade sem manicômios e hoje ele é surpreendido pela utopia de uma sociedade sem drogas.

Alguém já pensou o que seria uma sociedade sem drogas? Os seres humanos que não pudessem sair de si? Que não pudessem... Que teriam que permanecer na normatização chata, quadrada da vida contemporânea, desse capitalismo idiotizante que a gente vive?



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Então eu tenho falado até pras pessoas que trabalham junto até com o próprio prefeito [Fernando Haddad], quer dizer, tem uma luta ali pra recuperar o território, mas será muito difícil. A polícia já foi muitas vezes, já teve várias limpas lá, várias limpezas. E quanto mais repressão, eles são mais ariscos e mais difíceis.

Então, o que que tem nesses territórios marginais que na sua permanência... O que é que faz existir? Tudo bem, pode ser que a vida deles seja, que a dependência seja - como se diz? - abjeta, a dependência, o individualismo, a história de que eles se roubam... Mas lá também tem a maior sociabilidade. Um sujeito que sai da cadeia vai pra onde? Lá é aceito. Então o que seria de uma sociedade que não conserva vivos os territórios marginais?

É como diz Spinoza: se o homem nunca conheceu a liberdade, se ele foi escravo, se ele nunca teve a experiência plena da liberdade, nem na democracia, nem na ditadura, a não ser, sei lá, em alguma experiência estética, sei lá... Enfim, por que continua lutando pela liberdade? E o que que é isso? E a resposta do Spinoza: é o desejo.

Eu acho que tem uma experiência que um sujeito como eu é avantajado, porque eu já sou estrangeiro, em um certo sentido. Em certo sentido não, em todos os sentidos ainda continuo sendo estrangeiro. Então isso te dá, primeiro eu acho que dá uma vantagem como analista e segundo que é mais difícil entrar nas situações que rebaixam, que empobrecem o modo de vida da subjetividade. Eu acho que nós temos, ainda mais nesses momentos, que pensar em outras clandestinidades.

Por exemplo, eu com todas as dificuldades que enfrentei nos últimos tempos, tenho participado da construção e do trabalho de um projeto, que eu já citei, que é o Caminhos do cuidado. Aquilo lá é uma maneira de transmitir a peste, nos interstícios da prática. Porque um monte de gente que não passou na universidade é capaz de se afetar por ideias que não são do senso comum. Claro, foi um projeto que foi um embate.

[01:05:00] Disse que tinha uma tutora dando uma aula de redução de danos, explicou que o homem desde o neolítico usa drogas e que o próprio Jesus Cristo



PSICANALISTAS QUE FALAM

transformou água em vinho. E parece que um aluno se levantou e quase bate na mulher e teve que suspender a aula. Então é um embate permanente, mas:

Tem muita gente que se animou a tratar aquelas pessoas que são chutadas pela sociedade, de entender que eles têm biografia, que eles têm corpo, que eles têm potencialidades, enfim.

Então eu acho que isso foi importante porque, veja só, são quase todos os agentes comunitários do Brasil. Essas pessoas cobrem 100 milhões de habitantes no Brasil. Então ao invés de expulsar as pessoas do traficante, eles atraem, eles criam condições, eles inventam, certo?

Então eu acredito nisso. Não tem que ficar resguardando. Eu acho, por exemplo, tem um aspecto do lacanismo, que é o retorno a Freud, que é muito importante, enfim, o retorno à letra, o estudo – isso é muito importante. Mas isso tem um outro lado que engessa o sujeito, porque tem que ser fiel a uma teoria.

Eu acho que a nenhuma teoria você tem que ser fiel. Eu acho que quando a coisa funciona, alguém se apossa daquilo que você produz e faz com aquilo outra história, então isso aí eu acho que tem muito a ver com a generosidade.

Veja só, tem um contraste, porque os analistas se estereotiparam muito. O Emílio [Rodríguez], ele escreveu um livro que chama *Pergunta de Heráclito* (sic) [*A resposta de Heráclito*] que pergunta se os analistas continuam cobrando as sessões? Isso ele escreve 2500 anos depois. Então ele pergunta assim: "E continua cobrando as sessões que o paciente não vai? Se continua comendo, transando com as pacientes?". Enfim, ele tinha aquela capacidade de ruptura, né? E ele diz coisas fantásticas. E só ele podia, porque ele tinha uma coisa invejável que era o hedonismo pela condição de classe, porque ele era um cara da aristocracia, enfim, e ele estava pra lá do comum, né?

E quando você lê a biografia de Freud ele conta que a Sabrina Spielrein transou com Jung e que o Jung era tão careta que não assumiu a relação. Então aquilo foi um escândalo no mundo psicanalítico. Só que a Sabrina Spielrein estudou medicina, se formou médica, estudou a psicanálise, se formou psicanalista, foi analista de Jean Piaget,



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

formou uma escola libertária na União Soviética e ainda contribuiu com um conceito muito importante pra obra freudiana. Aí o Emilio pergunta: "Pergunta - ele diz - será que se o Jung não tivesse transado com ela, ela teria melhorado desse jeito?". (risos). Deixou a pergunta ali.

Eu acho que... Eu me nutri muito da psicanálise, mas eu tento viver esquizoanaliticamente. Essa que é a questão.

Eu tento viver esquizoanaliticamente. E o grande aliado para a prática... Qual é o conceito fundamental? Uma das coisas que o Félix [Guattari] adorou de Santos é que nós levamos lá e nós colocamos em prática o conceito de "agenciamento", a gente levou a sério.

Por exemplo, a gente tinha o programa lá pra trabalhar com meninos e meninas de rua, os meninos não tinham um abrigo pra onde levar, então nós tivemos uma ideia, que foi totalmente guattariana de juntar os nômades, que eram os últimos crônicos que estavam no hospício - os nômades, que eram os meninos que andavam pelas ruas com os sedentários que eram aqueles pacientes internados há mais de dez anos no hospital psiquiátrico.

E nós falamos... Bom, o que seria um agenciamento: você pega uma série, que nem animal e outra vegetal, que nem a orquídea e a vespa, pra ver o que se produz de novo.

Então juntava uma população nômade com outra sedentária, certo? E aí realmente aconteciam coisas incríveis. O menino nômade parava de roubar, o louco começava a lembrar dos filhos que não lembravam mais, os netos... Foi uma experiência fantástica, mas também teve que ser interrompida porque nós fomos processados. E nós estamos acusados e ainda tem processo aberto em relação a isso, de utilizar o método capistrano, que era o método do erotismo.

[01:10:40] E ainda eu estraguei mais a situação, porque quando o jornalista me consultou, ele falou: "E é verdade que vocês usam o método capistrano, o método do erotismo?". E eu falei sim, o método do erotismo, no sentido grego, que é - como se chama? - a... o... O deus do amor.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Bom, aquilo lá virou processo na justiça.

E o dia que eu fui responder na Polícia Federal o inquérito, meu advogado me deu um chute por baixo da mesa, porque ele estava fechando o processo, o delegado falando: "Pode se retirar". E eu falei: "Mas, senhor delegado, você não vai me questionar a respeito do método do erotismo?". E aí o Dedê que era meu advogado, o Eduardo, companheiro de Santos, me deu um chute: "Você já está fechado, para que que você quer mais?".

Bom, enfim.

E [o delegado] falou: "Por que é que o senhor quer que eu lhe inquiria sobre o método do erotismo?". Eu disse: "Imagina se o senhor me indicia pelo método do erotismo, eu vou ter o maior êxito com as meninas aqui de Santos" (risos). Então isso a gente tem...

A mim tem me custado muito caro essa história de ser consequente com o humor, né? O Luiz Fuganti diz que o humor é o mais inocente dos assassinos.

Essa capacidade de levar as coisas ao limite, é uma necessidade urgente, porque se não você não pensa, você só repete.

O Cláudio Ulpiano ele falava assim: "Pensar e obedecer são coisas opostas. Ou você pensa ou você obedece". E eu acho que isso vale para a clínica...

É muito fácil no consultório você se "*aggiornar*", deixar passar de uma sessão à outra... Mas, enfim, eu acho que há algo em nós que faz com que a gente não se inspire. Eu não sei se é o superego do analista que fica mal quando tem aquelas sessões que não acontecem nada, que não tem nenhuma ideia nova, que não surge nenhuma mobilização.

Eu confesso a vocês que ainda sofro com essas coisas. Quando não tem alguma iluminação.

Mas, às vezes, é assim, às vezes passa várias até que acontece algum evento inesperado.

Enfim, eu acho que eu tive bastante sorte na minha profissão: Tive pacientes muito interessantes, tive... Como falava antigamente, anteriormente: "Eu procuro viver esquizoanaliticamente". E para isso falava: "Como colocar em prática os



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

agenciamentos?”. Então esses são os agenciamentos, alguns dos agenciamentos que eu consegui realizar com esses mestres que eu falei, os argentinos, com o David Capistrano, principalmente e outros companheiros atuais.

O último parceiro que eu encontrei é um sujeito chamado Gabriel, que eu conheci lá no *fluxo*, aqui na Cracolândia, então a gente tá escrevendo um texto a quatro mãos.

[ALGUÉM FALA ALGO]

[ANTONIO LANCETTI] É? Eu não sei. Se eu poderia ler? Se vocês querem... Eu teria que achar o ipad...

Tá ali!

[ANTONIO LANCETTI] Então, a gente procura espaço de verdade em qualquer lugar.

Então eu tava falando dos parceiros e vou citar um pedaço, um pouco do texto que a gente tá escrevendo, com esse rapaz, que eu conheci lá no *fluxo*, na Cracolândia que se chama: "Gabriel e o mundo do submundo" – Antonio Lancetti e Galileu. E diz assim:

[01:15:10] "Hoje nos encontramos com o amanhã de ontem e no ontem de amanhã que nos é dado em forma de presente. Presente esse que não pedimos e muito menos merecemos. E por que não merecemos? Não merecemos porque não sabemos o significado da nossa existência. E se soubéssemos não daríamos valor. Pois ainda que tudo seja submisso ao poder supremo do criador, toda criação um dia se revolta.

Acho esse papo de criação um pouco careta, papo de clínica. O negócio é o seguinte: você nunca vai ser dono do que não é seu, por isso você vai ter tudo que você precisa, e nada do que você deseja. Porque quem não sabe o que faz, não sabe o que quer.

Esse amanhã de ontem e ontem de amanhã tem alguma coisa a ver com algum estado existencial? Sim, o estado existencial em que a própria existência sente-se inexistente. Como se nada do que fizermos vá fazer alguma diferença. Isso é triste, mas não precisa ser. Porque cada gota de lágrima que a chuva derrama na terra faz brotar uma



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

semente de esperança. Eu prefiro viver sem esperança, porque muita esperança dá fissura.

Por que queres ir ao [instituto de psiquiatria] Bairral? mesmo depois de ter estado preso somente fumando maconha e cheirando às vezes pó? Por que Bairral? Porque no Bairral está minha branquinha, ela está também aqui, escrita na pele do meu pulso.

Não vamos continuar contando história de vida, é chato. E olha como é bonita essa moça que passa, célere.

Eu só gosto da minha branquinha, que está lá na recuperação, eu queria tanto vê-la. Na realidade estou aqui porque não posso sair do corpo. E quando eu fui preso na Luz vim a descobrir que fui para salvar aquele homem que estava sendo eletrocutado. Você não entende. Só depois vim a entender por que é que fiquei quase um ano na cadeia, é que eu sou um anjo, mas não estou podendo sair do corpo".

Bom, enfim, isso pode ser triste, né?

Mas depois o mundo, por mais triste que seja, quando você encontra um brilho e quando você não perde o humor, vale a pena.

[som de beijos].

[ANTONIO LANCETTI] Tá bom?

[LÚCIA LIMA]: Ohhhh!!

[LANCETTI] Foi bem?

[HEIDI TABACOF] Muito bem, lindo.

[LANCETTI] Bom, fechou, né? Pode abrir, né? (apontado a janela).

[VARIOS] Pode

[RUÍDO JANELA]



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

[LÚCIA LIMA] Muito coração.

[ANTONIO LANCETTI] É?

[LÚCIA LIMA] É lindo, ficou...

[HEIDI TABACOF] Ficou lindo. Ehhh! E associação livre, precisa ter fôlego, se estender, pra sustentar...

[ANTONIO LANCETTI] E foi tudo associação livre, né?

[HEIDI TABACOF] É.

[ANTONIO LANCETTI] Não sei se eu segui o roteiro, um pouquinho, né?

[HEIDI TABACOF] Não era um roteiro, eram coordenadas do território...

CRÉDITOS

[ANTONIO LANCETTI] Pronto.

Agora com tudo... Quanto tempo? Quatro horas?

[VOZ] Por aí...

FIM